

# a invenção das asas

sue monk kidd

Tradução de Fernanda Semedo

*Para a Sandy Kidd  
com todo o meu amor*





## PARTE UM

*Novembro de 1803 – fevereiro de 1805*



*Hetty Handful Grimké*

**H**ouve um tempo em África em que as pessoas podiam voar. A mauma contou-mo uma noite, tinha eu dez anos. Disse-me: — Handful, a tua avó viu-o com os seus próprios olhos. Disse-me que voavam sobre as árvores e as nuvens. Que voavam como melros. Quando viemos para cá, deixámos essa magia para trás.

A minha mauma era esperta. Não sabia ler nem escrever como eu. Tudo o que sabia provinha de viver do lado escasso da misericórdia. Olhou a minha expressão, como esta se enchia de mágoa e de dúvida, e disse: — Não acreditas em mim? De onde pensas que vêm essas omoplatas que tens, rapariga?

Aqueles ossos magros que me sobressaíam das costas como pedrinhas de carvão. Deu-lhes uma palmadinha e acrescentou: — Foi só isto que sobrou das tuas asas. Agora só te restam esses ossos chatos, mas um dia hás de recuperá-las.

Eu era esperta como a mauma. Mesmo só com dez anos, sabia que aquela história de as pessoas voarem era puro disparate. Nós não éramos um povo especial que perdera a magia. Éramos escravos, e não iríamos a lado nenhum. Só mais tarde percebi o que ela queria dizer. Podíamos voar, sim, mas não havia nisso qualquer magia.

No dia em que a vida se transformou em algo impossível de consertar, eu estava no pátio de trabalho a ferver a roupa de cama dos escravos, atiçando o fogo por baixo da panela das lavagens, com os olhos a arderem devido aos salpicos de sabão de soda cáustica que o vento levantava. A manhã estava fria — o Sol parecia um pequeno botão branco muito bem cosido ao céu. No verão, usávamos vestidos de algodão caseiros sobre a roupa interior, mas quando o inverno de Charleston aparecia, como uma moça preguiçosa, em novembro ou janeiro, metíamos-nos nas nossas sacas — aquelas camisas grossas feitas de fio pesado. Nada mais que uma saca velha com mangas. A minha já fora abandonada por outras pessoas e chegava-me aos tornozelos. Não fazia ideia de quantos corpos sujos a tinham usado antes de mim, mas todos aí tinham deixado generosamente os seus cheiros.

Nessa manhã a *missus* já me batera com a bengala nas nádegas por eu ter adormecido durante as suas devoções. Todos os dias nós, os escravos, exceto a Rosetta, que era velha e demente, nos aglomerávamos na sala de jantar antes do pequeno-almoço e lutávamos contra o sono enquanto a *missus* nos ensinava versículos curtos da Bíblia, como «Jesus chorou», e rezava sonoramente sobre o tema favorito de Deus, a *obediência*. Se nos deixássemos dormir, levávamos uma paulada, mesmo a meio de Deus disse isto e Deus disse aquilo.

Eu era muito impertinente com a Aunt-Sister acerca de todo aquele tristíssimo assunto. Dizia-lhe, «Afasta de mim esse cálice», declamando um dos versículos da *missus*. Dizia, «Jesus chorou porque estava ali preso com a *missus*, como nós».

A Aunt-Sister era a cozinheira — estava com a *missus* desde que esta era uma menina e, ao lado do Tomfry, o mordomo, dirigia todo o espetáculo. Era a única que podia dizer à *missus* o que fazer sem apanhar com a bengala. A mauma dizia-me, tem cuidado com a língua, mas eu nunca tinha. A Aunt-Sister desancava-me três vezes por dia.

Eu era um sarilho. Mas não era por isso que me chamava assim<sup>1</sup>. Handful era o meu «nome de cesta». O senhor e a senhora atribuíam todos os nomes próprios, mas uma mauma olhava para o seu bebé na cesta e ocorria-lhe um nome, qualquer coisa relacionada com o aspeto do bebé, com o dia da semana, com o estado do tempo ou, simplesmente, com o que o mundo lhe parecia nesse dia. O nome de cesta da mi-

---

<sup>1</sup> Handful significa problemático.

nha mãe era Verão, mas chamava-se Charlotte. Ela tinha um irmão cujo nome de cesta era Tempos Difíceis. As pessoas pensam que eu invento estas coisas, mas não podia ser mais verdade.

Se tivermos um nome de cesta, pelo menos temos alguma coisa da nossa mãe. O patrão Grimké pôs-me o nome de Hetty, mas a mauma olhou para mim no dia em que vim ao mundo e, porque eu nascera antes do tempo, chamou-me Handful.

Nesse dia, enquanto eu ajudava a Aunt-Sister no pátio, a mãe estava na casa, a trabalhar num vestido de cetim dourado para a *missus*, o que se chamava um vestido Watteau, com pregas nas costas. Ela era a melhor costureira de Charleston e os seus dedos estavam rígidos de tanto trabalhar com a agulha. Nunca se viram roupas mais requintadas do que as que a minha mãe fazia, e não usava moldes. Detestava os moldes dos livros. Era ela mesma que escolhia as sedas e os veludos no mercado e confeccionava tudo o que os Grimké tinham — cortinados, anáguas acolchoadas, armações de vestidos, calças de camurça e aqueles fatos de jóquei todos janotas para a Semana das Corridas.

Posso dizer-vos uma coisa — os brancos viviam para a Semana das Corridas. Era um piquenique, um passeio e um evento sofisticado a seguir ao outro. A festa da senhora King era sempre à terça-feira. O jantar no Jóquei Clube, à quarta. O grande momento chegava ao sábado, com o baile de Santa Cecília, quando se pavoneavam com as suas melhores roupas. A Aunt-Sister dizia que Charleston sofria da doença das grandezas. Até eu ter oito anos, pensava que as grandezas eram uma espécie de disenteria.

A *missus* era uma mulher baixa, de cintura grossa, com uma espécie de bolinhas de massa por baixo dos olhos. Recusava-se a alugar os serviços da mauma às outras senhoras. Estas suplicavam-lhe, a mauma juntava-se às súplicas porque uma percentagem dos pagamentos seria para ela — mas a *missus* dizia, «Não posso permitir que faças alguma coisa para elas melhor do que fazes para nós.» Ao serão, a mauma rasgava tiras de tecido para as colchas, enquanto eu segurava a vela de sebo numa mão e, com a outra, empilhava as tiras, sempre divididas por cores, muito arrumadinhas. Ela gostava das cores vivas, juntando matizes que não lembrariam a ninguém — púrpura e laranja, rosa e vermelho. A sua forma preferida era o triângulo. Sempre preto. A mauma punha triângulos pretos em quase todas as colchas que fazia.



Tínhamos uma caixa de madeira para guardar os retalhos, uma bolsa para as agulhas e linhas e um dedal de latão verdadeiro. A mauma dizia que o dedal, um dia, seria meu. Quando ela não estava a usá-lo, punha-o no meu dedo, como uma joia. Enchíamos as colchas com algodão em rama e fios de lã. O melhor enchimento eram as penas, ainda são, e eu e a mauma nunca passávamos por uma sem a apanhar do chão. Alguns dias, a mauma chegava com o bolso cheio de penas de ganso que tirava pelos buracos dos colchões da casa. Quando estávamos desesperadas por encher uma colcha, arrancávamos o musgo do carvalho do pátio de trabalho e cosíamos-lo entre o forro e a frente da colcha, com bichinhos e tudo.

Era do que eu e a mauma gostávamos mais, o tempo que passávamos com as colchas.

O que quer que a Aunt-Sister me mandasse fazer no pátio, eu vigiava sempre a janela do último andar, onde a mãe cosia. Tínhamos um sinal. Quando eu punha o balde de cabeça para baixo junto da cozinha, queria dizer que o terreno estava livre. A mãe abria a janela e atirava-me um caramelo que roubara do quarto da *missus*. Por vezes, vinha também um rolinho de retalhos — alguns algodões mesmo bons, xadrez, musselina, um pouco de linho importado. Uma vez, veio esse dedal de latão verdadeiro. O que ela gostava mais de trazer era linha escarlata. Enrolava-a, metia-a no bolso e saía da casa dos patrões com ela.

O pátio estava demasiado movimentado esse dia, pelo que eu não esperava que me caísse um caramelo das alturas. A Mariah, a escrava da roupa, queimara a mão no carvão do ferro e estava de cama. A Aunt-Sister andava numa fona por causa da roupa para lavar atrasada. O Tomfry mandara os homens matar um porco, que fugira e guinchava a plenos pulmões. Toda a gente se encontrava lá fora, desde o velho Snow, o condutor das carruagens, até ao moço que limpava os estábulos, o Prince. O Tomfry queria apanhar a presa o mais depressa possível, porque a *missus* detestava o barulho do pátio.

O barulho fazia parte da sua lista de pecados dos escravos, que nós conhecíamos de cor. Número um: roubar. Número dois: desobediência. Número três: preguiça. Número quatro: barulho. Um escravo devia ser como o Espírito Santo: não ser visto nem ouvido, mas estar sempre à mão.

A *missus* chamou o Tomfry e disse para fazerem menos barulho, que

uma senhora não devia saber de onde vinha o seu toucinho. Quando ouvimos isso, eu disse à Aunt-Sister que a *missus* não sabia por que lado entrava o seu toucinho, nem por que lado saía. A Aunt-Sister deu-me uma chapada que me mandou para ontem.

Eu peguei no pau comprido com que batíamos a roupa, pesquei as cobertas das camas para fora da panela de água e pu-las a escorrer no parapeito onde a Aunt-Sister secava as ervas aromáticas. Era proibido usar o parapeito do estábulo porque os olhos dos cavalos eram demasiado preciosos para a soda cáustica. Os olhos dos escravos eram outro assunto. Com o pau, bati aqueles lençóis e cobertores quase até os matar. Chamávamos a isto fazer sair o sujo.

Depois de terminar a lavagem, pude desfrutar do pecado número três. Segui um caminho que abrira na terra à força de o percorrer dez ou doze vezes por dia. Começava nas traseiras da casa principal e passava pela cozinha e pela rouparia até à árvore frondosa. Alguns dos seus ramos eram mais grossos que o meu corpo e estavam todos enrolados como fitas numa caixa. Os espíritos maus viajam em linhas retas, e a nossa árvore não tinha um lugar que não fosse retorcido. Nós, os escravos, reuníamos-nos debaixo dela quando o calor apertava. A mauma dizia-me sempre, «Não tires o musgo cinzento, porque mantém afastados o Sol e os olhos coscuvilheiros de toda a gente».

Voltei para trás, passando pelo estábulo e pela cocheira. Aquele caminho levava-me através do mapa de todo o mundo meu conhecido. Eu ainda não vira o globo giratório que existia na casa e mostrava o resto. Caminhei lentamente, desejando que o dia acabasse para eu e a mauma voltarmos ao nosso quarto, que ficava por cima da cocheira e não tinha janela. O cheiro a estrume do estábulo e da vacaria chegava lá com tanta intensidade que parecia que a nossa enxerga era de estrume e não de palha. Os quartos dos outros escravos eram por cima da cozinha.

O vento soprava com força e ouvi as velas dos navios a baterem no porto, do outro lado da estrada, um lugar cujo cheiro eu sentia no vento, mas que nunca vira. Os movimentos das velas pareciam chicotadas, e todos nos púnhamos à escuta, para perceber se seria um escravo a ser fustigado num pátio vizinho ou os navios que se preparavam para zarpar. Ficávamos a saber o que era, conforme houvesse ou não gritos.

O Sol desaparecera, deixando um espaço franzido nas nuvens, como se o botão tivesse caído. Tirei o pau de bater a roupa de dentro da pa-

nela e, sem qualquer razão aparente, espetei-o numa abóbora da horta. Atirei-a por cima do muro, e ouvi-a esmagar-se ruidosamente do outro lado.

O ar aquietou-se. A voz da *missus* veio da porta das traseiras.

— Aunt-Sister, traz-me aqui a Hetty imediatamente.

Dirigi-me à casa, pensando que ela estava furiosa por causa da abóbora. Avisei o meu traseiro que se enchesse de coragem.

Sarah Grimké

O dia do meu décimo primeiro aniversário começou com a mãe a promover-me do quarto das crianças. Durante um ano eu ansiara por escapar às bonecas de porcelana, piões e serviços de chá minúsculos espalhados pelo chão, às caminhas dispostas em fila, a todo o excesso e alvoroço daquele lugar, mas agora que o dia chegara, hesitei à porta do meu novo quarto. Estava apainelado de escuridão e emanava o odor do meu irmão — tudo cheirava a fumo e a couro. O dossel de carvalho e a colcha de folho, de veludo vermelho, eram tão imponentes que pareciam mais perto do teto que do chão. Fiquei imobilizada pelo terror de viver sozinha num espaço tão grande e majestoso.

Respirando fundo, lancei-me através da ombreira da porta. Era dessa forma tosca que eu lidava com os problemas da adolescência. Toda a gente me considerava uma rapariga valente mas, na verdade, eu não era tão temerária quanto julgavam. Possuía o temperamento de uma tartaruga. Qualquer medo, susto ou obstáculo que surgisse no meu caminho, só queria esconder-me. *Se tens de errar, fá-lo pelo lado da audácia*, era o lema que criara para mim própria. Há algum tempo que este me ajudava a lançar-me através das ombreiras das portas.

Nessa manhã estava muito frio, um vento intenso transbordava do Atlântico e as nuvens eram sopradas como mangas de vento. Por um momento, fiquei dentro do quarto a ouvir as frondes em forma de sabre

das palmeiras anãs matraquearem em torno da casa. Os beirais da varanda assobiavam. As correntes do baloiço do alpendre gemiam. Lá em baixo, na copa, a mãe mandava os escravos tirarem as terrinas chinesas e as chávenas Wedgwood para a minha festa de aniversário. A sua criada, Cindie, passara horas a humedecer e a prender a peruca da mãe com papel e rolos, e o seu cheiro a azedo alcançara o cimo das escadas.

Observei a Binah, a mauma do quarto das crianças, a guardar as minhas roupas no velho roupeiro pesado, recordando como ela usava um atiçador de lume para embalar o berço do Charles, com as suas pulseiras de búzios a tilintarem nos braços enquanto nos aterrorizava com histórias da Booga Hag — uma velha que voava numa vassoura e sugava o alento dos meninos maus. Eu teria saudades da Binah. E da doce Anna, que dormia a chuchar no polegar. Do Ben e do Harry, que saltavam como diabretes até os seus colchões entrarem numa erupção de penas de ganso, e da pequena Eliza, que costumava meter-se na minha cama para se esconder do reino de terror noturno da Booga.

Claro que eu já devia ter saído do quarto das crianças há muito tempo, mas tive de esperar que o John fosse para a universidade. A nossa casa de três andares era uma das maiores de Charleston, mas faltavam quartos, tendo em conta o quanto a mãe era... bem, produtiva. Éramos dez: John, Thomas, Mary, Frederick e eu, seguidos dos habitantes do quarto das crianças — Anna, Eliza, Ben, Henry e o bebé Charles. Eu era a do meio, aquela a quem a mãe chamava *diferente* e o pai chamava *notável*, a que tinha cabelo cor de cenoura e sardas, uma constelação completa delas. Os meus irmãos tinham, certa vez, identificado Órion, o Carro e a Ursa Maior nas minhas bochechas e na testa, ligando com carvão as fulgurantes sardas vermelhas umas às outras, e eu não me importara — por algumas horas, fora para eles a totalidade do firmamento.

Toda a gente dizia que eu era a favorita do pai. Eu não sei se ele me preferia ou se tinha pena de mim mas, sem dúvida, ele era o *meu* favorito. Era juiz no Supremo Tribunal da Carolina do Sul e encontrava-se no topo da classe dos plantadores, o grupo que Charleston reclamava como a sua elite. Combatera com o general Washington e fora prisioneiro dos ingleses. Era demasiado modesto para falar dessas coisas — para isso, tinha a mãe.

Esta chamava-se Mary e aí terminava qualquer semelhança com a mãe de Nosso Senhor. Descendia de uma das primeiras famílias de

Charleston, essa pequena companhia de lordes que o rei Carlos enviara para fundarem a cidade. Introduzia tão infatigavelmente esses elementos nas conversas que nós já nem tínhamos tempo, nem nos dávamos ao trabalho, de revirar os olhos. Além de governar a casa, um rebanho de crianças e catorze escravos, mantinha uma série de compromissos sociais e religiosos que teriam esgotado as rainhas e santas da Europa. Quando eu era indulgente, dizia que a minha mãe estava exausta. Suspeitava, contudo, de que era simplesmente má.

Quando a Binah acabou de arranjar as minhas escovas e laços de cabelo no meu novo toucador Hepplewhite, virou-se para mim e devo ter-lhe parecido desamparada, porque estalou a língua no céu da boca e disse, «Pobre Menina Sarah».

Eu detestava a ligação de *Pobre* ao meu nome. Desde os meus quatro anos que a Binah murmurava, como um encantamento, as palavras *Pobre Menina Sarah*.

\*

É a minha memória mais antiga: formar palavras com os berlindes do meu irmão. É verão e eu estou sob o carvalho que fica no canto mais distante do pátio de trabalho. O Thomas, com dez anos, que eu amava acima de todos os outros, ensinou-me nove palavras: SARAH, RAPAZ, RAPARIGA, VAI, PARA, SALTA, CORRE, CIMA, BAIXO. Escreveu-as num pergaminho e deu-me uma bolsa com quarenta e oito berlindes para as escrever, o suficiente para duas palavras de cada vez. Eu dispo-nho os berlindes na terra, copiando as palavras que o Thomas escrevera a tinta. *Sarah Vai. Rapaz Corre, Rapariga Salta*. Fi-lo o mais depressa que pude. A Binah não tardaria a vir procurar-me.

É a mãe, porém, quem desce os degraus das traseiras até ao pátio. A Binah e os outros escravos de casa aglomeram-se atrás dela, movendo-se com passos sincronizados e prudentes, como se fossem uma só criatura, uma centopeia atravessando um espaço desprotegido. Sinto no ar a nuvem que se suspende sobre eles, um terror devorador, e arrasto-me para o brilho verde-negro da árvore.

Os escravos fitam as costas da mãe, que são direitas e rígidas. Ela vira-se e admoesta-os.

— Estão a engonhar. Depressa, vamos lá despachar isto.

Enquanto ela fala, uma escrava mais velha, a Rosetta, é arrastada da vacaria por um escravo do pátio. Ela debate-se, arranha-lhe a cara. A mãe observa, impassível.

O escravo ata as mãos da Rosetta à coluna do alpendre da cozinha. Ela olha por cima do ombro e suplica. *Missus, por favor. Missus. Missus. Por favor.* Continua a suplicar enquanto o homem a chicoteia.

O vestido dela é de algodão amarelo-pálido. Eu olho, paralisada, enquanto as suas costas jorram sangue, rebentos de vermelho que se abrem como pétalas. Não consigo conciliar a selvajaria dos golpes com os seus lamentos melífluos, nem com a beleza das rosas serpenteando nas suas costelas. Alguém conta as chicotadas — será a mãe? *Seis, sete.*

As chicotadas continuam, mas a Rosetta deixa de gemer e tomba contra o parapeito do alpendre. Nove, dez. Afasto o olhar. Os meus olhos seguem uma formiga preta que percorre as extensões longínquas por baixo da árvore — as raízes montanhosas e as florestas de musgo, os seus perigos infundáveis — e na minha cabeça repito as palavras que escrevera antes. *Rapaz Corre. Rapariga Salta. Sarah Vai.*

*Treze. Catorze...* Saio das sombras, passo pelo homem que enrola agora o seu chicote, trabalho completo, passo pela Rosetta, presa pelas mãos, como uma trouxa. Quando dou os últimos passos para casa, a mãe chama-me e a Binah vai atrás de mim, mas eu fujo-lhes pelo corredor principal, saio pela porta da frente e parto cegamente para o molhe.

Não recordo o resto com clareza, apenas que dou por mim a vaguear pela prancha de embarque de um barco à vela, a soluçar, tropeçando num rolo de corda. Um homem simpático, de barba e chapéu preto, pergunta-me o que quero. Suplico-lhe, *Sarah vai.*

A Binah apanha-me, embora eu não dê por isso até ela me envolver nos seus braços e arrulhar, «Pobre Menina Sarah, pobre Menina Sarah». Como um decreto, uma declaração, uma profecia.

Quando chego a casa, sou uma desordem de ranho, lágrimas, terra do pátio e sujidade do porto. A mãe abraça-me, recua e dá-me um abraço furioso, depois volta a segurar-me.

— Tens de prometer que não voltas a fugir. *Promete-me.*

Eu quero. Tento. As palavras estavam na minha língua — pedaços redondos de palavras, cintilantes como os berlindes por baixo da árvore.

— Sarah! — exige ela.

Não sei nada. Nem um som.

Conservei-me muda por uma semana. As minhas palavras pareciam ter sido sugadas para a fenda entre as minhas clavículas. Fui-as resgatando por etapas, através da oração, do assédio e do engodo. Voltei a falar, mas com uma estranha e errática forma de gaguez. Nunca fora uma faladora fluente, até as minhas primeiras palavras faladas possuíam uma certa qualidade beligerante, mas agora havia lacunas feias e vacilantes entre as minhas frases, segundos infundáveis em que as palavras se encolhiam de medo de encontro aos meus lábios e as pessoas desviavam os olhos. Finalmente, essas pausas horrendas começaram a ir e vir segundo os seus próprios caprichos. Podiam infernizar-me durante semanas e desaparecer durante meses, apenas para voltarem tão abruptamente como tinham partido.

\*

No dia em que me mudei do quarto das crianças para iniciar uma vida de maturidade no velho quarto sério do John, não pensava na crueldade que tivera lugar no pátio de trabalho quando tinha quatro anos, nem nos filamentos que, desde então, me tinham mantido presa à minha voz. Essas preocupações estavam muito distantes da minha mente. Já há algum tempo que o meu defeito de fala se ausentara — quatro meses e seis dias. Quase me imaginava curada.

Assim, quando a mãe entrou de rompante no quarto — eu, num paroxismo de ajustamento, e a Binah a arrumar as minhas coisas aqui e ali — e perguntou se os meus novos aposentos eram do meu agrado, fiquei perplexa com a minha incapacidade de lhe responder. A porta fechou-se na minha garganta e o silêncio ficou lá dentro. A mãe olhou-me e suspirou.

Quando ela saiu, desejei que os meus olhos permanecessem secos e virei as costas à Binah. Não suportaria ouvir outra vez *Pobre Menina Sarah*.



## Handful

**A**unt-Sister levou-me para a copa, onde a Binah e a Cindie se ocupavam das bandejas de prata, enchendo-as de bolo de gengibre e de maçãs com amendoins. Usavam os aventais bons, compridos e engomados. O som que vinha do salão era o de abelhas a zumbir.

A *missus* apareceu e disse à Aunt-Sister que me despisse a minha roupa fedorenta e me lavasse a cara, e depois acrescentou:

— Hetty, hoje a Sarah faz onze anos e vamos fazer-lhe uma festa.

Tirou uma fita lilás do cimo do armário e enrolou-ma no pescoço com um laço, enquanto a Aunt-Sister me esfregava a sujidade das faces com o pano. A *missus* enrolou mais fita em torno da minha cintura. Quando eu puxei, repreendeu-me.

— Para de te mexer, Hetty. Está quieta.

A *missus* apertara demasiado o laço na minha garganta. Parecia que não conseguiria engolir. Procurei o olhar da Aunt-Sister, mas este estava colado às bandejas de comida. Queria dizer-lhe, *Livra-me disto, ajuda-me, tenho de ir à latrina*. Ocorria-me sempre qualquer coisa mordaz para dizer, mas a minha voz fugira-me para o fundo da garganta como um rato de cozinha.

Dancei sobre uma perna e depois a outra. Pensei no que a mauma me dissera, «Chegando o Natal, tens de ser boa, porque é quando eles

vendem as crianças a mais ou as mandam para os campos.» Eu não sabia de qualquer escravo que o patrão Grimké tivesse vendido, mas conhecia muitos que enviara para a plantação, lá no fim do mundo. Fora daí que a mauma viera, trazendo-me na barriga e deixando o meu pai para trás.

Deixei de me remexer. Todo o meu ser caiu no mesmo buraco onde estava a minha voz. Tentei fazer o que eles diziam que Deus queria. Obedece, fica calada, fica quieta.

A *missus* examinou-me, para apreciar como me ficavam os laços lilases. Agarrando-me os braços, conduziu-me ao salão onde as senhoras se sentavam com os seus vestidos rebuscados, chávenas de porcelana e guardanapos de renda. Uma das senhoras tocava no pequeno piano a que chamavam cravo, mas parou quando a *missus* bateu as palmas.

Todos os olhares se fixaram em mim. A *missus* disse:

— Esta é a nossa pequena Hetty. Sarah, querida, ela é o teu presente, a tua criada pessoal.

Apertei as mãos entre as pernas e a *missus* afastou-as. Fez-me dar uma volta completa. As senhoras começaram, que nem papagaios — feliz aniversário, feliz aniversário —, com as cabeças a bicar o ar. A irmã mais velha da menina Sarah, a menina Mary, ficou ali sentada, toda amuada por não ser o centro da festa. A seguir à *missus*, era o pior pássaro da sala. Todos a víamos andar de um lado para o outro com a *sua* própria criada, esbofeteando-a a todo o momento. Dizíamos que, se a menina Mary deixasse cair o lenço do segundo andar, mandaria a Lucy saltar da janela para o ir buscar. Pelo menos, não me tinha calhado essa.

A menina Sarah pôs-se de pé. Usava um vestido azul-escuro e tinha o cabelo rosado, caído, liso como seda de milho, e sardas do mesmo tom avermelhado por toda a cara. Respirou fundo e começou a mexer os lábios. Nessa altura, a menina Sarah puxava as palavras da garganta como se tirasse água de um poço.

Quando o balde chegou finalmente lá acima, mal ouvimos o que dizia.

— ..... Desculpe, mãe..... Não posso aceitar.

A *missus* pediu-lhe que repetisse. Desta vez, a menina Sarah berrou como um vendedor de camarão.

Os olhos da *missus* eram de um azul de gelo, como os da menina Sarah, mas ficaram escuros como índigo. Espetou-me as unhas no braço, esculpindo uma espécie de bando de pássaros. Disse:

— Sarah, minha querida, senta-te.

A menina Sarah continuou:

— ... Não preciso de uma criada. Passo muito bem sem uma.

— Basta — disse a *missus*. Não sei como era possível ignorar aquele aviso, mas a menina Sarah não compreendeu.

— ... Não pode guardá-la para a Anna?

— *Basta!*

A menina Sarah afundou-se na cadeira como se alguém a tivesse empurrado.

O líquido começou a escorrer em gotas pela minha perna. Remexi-me de todas as formas possíveis para me libertar das garras da *missus*, mas então caiu um jorro no tapete.

A *missus* soltou um grito e toda a gente se calou. Podiam ouvir-se as brasas a saltar na lareira.

Eu ia levar uma bofetada, ou pior. Pensei na Rosetta, como ela simulava um ataque de tremuras quando lhe convinha. Deixava a saliva escorrer-lhe da boca e revirava os olhos. Parecia um escaravelho de patas para o ar, a tentar endireitar-se, mas livrava-se do castigo, e ocorreu-me atirar-me ao chão e simular eu própria um ataque, o melhor que pudesse.

Mas fiquei ali, com o vestido encharcado nas coxas e a vergonha quente a escorrer-me pelo rosto.

A Aunt-Sister chegou e levou-me para fora. Quando passámos pelas escadas no corredor principal, vi a mãe no patamar, com as mãos premiadas de encontro ao peito.

\*

Essa noite as pombas instalaram-se nos ramos da árvore e gemeram. Abracei-me à mauma na nossa cama de corda, olhando a armação para estofar as colchas, a forma como pendia sobre nós fixada às traves do teto, bem esticada nas roldanas. Ela dizia que a armação das colchas era o nosso anjo da guarda. Dizia, «Vai correr tudo bem». Mas a vergonha não me largou. Tinha um gosto amargo na minha língua.

Os sinos dobraram através de Charleston, anunciando o recolher dos escravos, e a mauma disse que a Guarda em breve estaria lá fora a tocar os tambores, mas foi assim que disse:

— Os escaravelhos não demoram a chegar ao trigo.

Depois esfregou os ossos chatos nas minhas costas. Foi quando me contou a história de África que a sua mauma lhe contara. De como as pessoas podiam voar. Como voavam sobre as árvores e as nuvens. Voavam como melros.

Na manhã seguinte, a mauma deu-me uma colcha adequada ao meu tamanho e disse que eu já não podia dormir com ela. A partir de então, dormiria no chão do corredor, à porta do quarto da menina Sarah. A mauma disse:

— Nunca saias da tua colcha, a não ser que a menina Sarah te chame. Não vagueies por aí. Não acendas velas. Não faças barulho. Quando a menina Sarah tocar a sineta, vais logo.

E a mauma disse:

— Vai ser difícil a partir de agora, Handful.

*Sarah*

**C**onfinaram-me à solidão no meu novo quarto e mandaram-me escrever uma carta de desculpas a cada convidada. A mãe instalou-me à secretária com papel, tinteiro e uma carta que ela própria compusera e que eu devia copiar.

— ... Não castigou a Hetty, pois não? — perguntei.

— Julgas-me desumana, Sarah? A rapariga teve um acidente. Que podia eu fazer? — Encolheu os ombros com exasperação. — Se o tapete não puder ser lavado, teremos de o deitar fora.

Encaminhou-se para a porta e eu esforcei-me por tirar as palavras da boca antes de ela sair.

— ... Mãe, por favor, deixe-me... deixe-me devolver-lhe a Hetty.

*Devolver a Hetty.* Como se ela, afinal, fosse minha. Como se possuir pessoas fosse tão natural como respirar. Apesar da minha resistência à escravatura, eu também respirava aquele ar fétido.

— A tua tutela é legal e obrigatória. A Hetty é tua, Sarah, não há nada que se possa fazer acerca disso.

— ... Mas...

Ouvi o restolhar da sua anágua quando ela voltou a atravessar o tapete na minha direção. Era uma mulher a quem os ventos e marés obedeciam mas, nesse momento, foi delicada comigo. Colocando-me um dedo no queixo, inclinou-me o rosto para o dela e sorriu.

— Por que tens de contrariar isto? Não sei onde vais buscar essas ideias estranhas. Esta é a nossa forma de vida, minha querida, reconcilia-te com o facto. — Beijou-me o cimo da cabeça. — Espero ter as dezoito cartas de manhã.

O quarto encheu-se de um brilho laranja que iluminou os painéis de cipreste e depois se derreteu em crepúsculo e sombras. Na minha mente, conseguia ver nitidamente a Hetty — a sua expressão confusa e mortificada, as tranças do cabelo espetadas em todas as direções, as fitas lilases sem graça. Ela era extremamente magra, só tinha menos um ano que eu, mas parecia ter seis. Os seus membros eram como paus ossudos. Os cotovelos pareciam as curvas de dois alfinetes de ama. A única coisa de algum tamanho que ela tinha eram os olhos, de um estranho matiz dourado, que flutuavam por cima das suas bochechas negras como meias-luas brilhantes.

Parecia desonesto pedir perdão por algo de que não me arrependia minimamente. O que eu lamentava era o meu protesto ter-se tornado tão patético. A única coisa que queria era ficar ali inflexivelmente sentada durante toda a noite, dias e semanas, se necessário fosse, mas acabei por ceder e escrever as malditas cartas. Eu sabia que era uma rapariga estranha, com as minhas ideias rebeldes, o meu intelecto voraz e aparência esquisita, que metade do tempo lançava perdigotos como um cavalo forçando o freio, qualidades que não eram apreciadas no sexo feminino. Estava prestes a tornar-me a pária da família, e temia o ostracismo. Era o que temia acima de tudo.

Escrevi, uma vez após outra:

*Cara Senhora,  
Agradeço a honra e generosidade demonstradas ao assistir  
ao chá do meu décimo primeiro aniversário. Lamento que,  
apesar de ter sido bem educada pelos meus pais, o meu  
comportamento nessa ocasião tenha sido excessivamente  
grosseiro. Rogo humildemente o seu perdão pela minha falta  
de maneiras e de respeito.*

*Sua Amiga Arrependida  
Sarah Grimké*

Trepei para o meu colchão absurdamente alto, e tinha acabado de

me deitar quando um pássaro do outro lado da janela começou a trinar. Primeiro, uma torrente de assobios seguidos, depois um canto suave e melancólico. Senti-me sozinha no mundo, com as minhas ideias estranhas.

Saí do meu poleiro e fui à janela, trémula dentro da camisa de dormir de lã branca, olhando ao longo da East Bay, para além dos telhados escuros, até ao porto. Com a estação dos furacões já passada, avistava ali cerca de uma centena de gáveas, brilhando na água. Encostando a bochecha ao vidro gélido, descobri que obtinha uma vista parcial dos aposentos dos escravos por cima da cocheira, onde sabia que a Hetty passava a sua última noite com a mãe. No dia seguinte, assumiria as suas obrigações e dormiria à minha porta.

Foi então que tive uma súbita epifania. Acendi uma vela nas brasas que se extinguíam na lareira, abri a porta e saí para o corredor escuro e sem aquecimento. Três formas escuras jaziam no chão ao lado de portas de quartos. Eu nunca vira realmente o mundo fora do quarto das crianças à noite, e demorei um momento a perceber que as formas eram escravos, dormindo por perto, para o caso de um Grimké tocar a sineta.

A mãe queria substituir essa organização arcaica por uma que fora recentemente instalada em casa de uma amiga, a senhora Russell. Aí premiam-se botões que tocavam no alojamento dos escravos, cada um com um repique diferente. A mãe estava interessada nessa inovação, mas o pai achava que era um desperdício. Apesar de sermos anglicanos, ele tinha uns laivos de frugalidade huguenote. Haveria essa ostentação de botões em casa dos Grimké por cima do seu cadáver.

Deslizei descalça pelas largas escadas de mogno até ao primeiro andar, onde dormiam mais dois escravos, juntamente com a Cindie, que estava acordada, sentada com as costas apoiadas na parede, junto do quarto dos meus pais. Olhou-me com desconfiança, mas não me perguntou o que estava a fazer.

Percorri o tapete persa que cobria metade do corredor principal, vi-rei, abri a porta da biblioteca do pai e entrei. A fotografia de George Washington, numa moldura ornamentada, estava iluminada por uma faixa de luar que entrava pela janela da frente. Durante quase um ano, o pai fizera vista grossa quando eu me escapulia por baixo do nariz do senhor Washington para explorar a biblioteca. O John, o Thomas e o Frederick

reinavam totalmente sobre o seu vasto tesouro — livros de direito, geografia, filosofia, teologia, história, botânica, poesia e as humanidades gregas —, enquanto eu e a Mary estávamos oficialmente proibidas de ler uma palavra que fosse. A Mary não parecia interessar-se por livros, mas eu... eu sonhava com eles enquanto dormia. Amava-os de uma maneira que não conseguia exprimir totalmente, nem mesmo ao Thomas. Ele aconselhava-me alguns volumes e ensinava-me as declinações latinas. Era o único que conhecia o meu desespero por adquirir uma verdadeira educação, além da que recebia da Madame Ruffin, minha tutora e castigadora de Francês.

Era uma mulher pequena, de mau feitio, que usava uma touca de viúva com cordões que lhe flutuavam junto das bochechas e, quando estava frio, uma capa de pele de esquilo e sapatinhos forrados a pele. Era conhecida por alinhar as raparigas no Banco das Preguiçosas pela mais ínfima infração e gritar com elas até desmaiarem. Eu desprezava-a, assim como à sua «polida educação para mentes femininas», que era composta de trabalhos de agulha, boas maneiras, desenho, leitura básica, caligrafia, piano, Bíblia, francês e a aritmética suficiente para somar dois mais dois. Parecia-me possível morrer de tanto desenhar florinhas minúsculas no meu caderno de arte. Uma vez, escrevi na margem, «Se tenho de morrer por este exercício horrível, quero que estas flores adornem o meu caixão.» A Madame Ruffin não achou graça. Tive de ficar de pé no Banco das Preguiçosas, onde ela perorou contra a minha insolência e eu me esforcei por não desmaiar.

Cada vez mais, durante aquelas aulas, eu era dominada por anseios, dores estranhas e torrenciais que me invadiam o coração. Eu queria saber coisas, queria tornar-me alguém. *Oh, ser um filho!* Eu adorava o pai porque ele me tratava quase como se eu fosse um filho, permitindo-me entrar e sair furtivamente da sua biblioteca.

Nessa noite, as brasas da lareira da biblioteca estavam frias e o cheiro do fumo de charuto ainda impregnava o ar. Sem esforço, localizei o volume *Justiça da Paz e Leis Públicas da Carolina do Sul*, de que o pai era autor. Eu já o folheara o suficiente para saber que algures, no meio das páginas, existia uma cópia de um documento legal de alforria de escravos. Quando o encontrei, tirei papel e pena da secretária do pai e copiei-o:



*Eu, abaixo assinada, certifico que neste dia, 26 de novembro de 1803, no estado da Carolina do Sul, liberto da escravatura Hetty Grimké, e lhe outorgo este certificado de alforria.*

*Sarah Moore Grimké*

Que poderia fazer o pai, senão tornar a liberdade da Hetty tão legal e vinculativa quanto a sua propriedade? Eu seguia um código jurídico que ele próprio criara! Deixei o meu manuscrito em cima da caixa de gamão na secretária.

No corredor, ouvi o toque da sineta da mãe, chamando a Cindie, e corri tanto pela escada acima que a minha vela se apagou.

O meu quarto ficara ainda mais frio e o passarinho parara de cantar. Deslizei para baixo da pilha de colchas e cobertores, mas sentia-me tão excitada que não conseguia dormir. Imaginei todos os agradecimentos que a Hetty e a Charlotte me despejariam em cima. Imaginei o orgulho do pai e o enfado da mãe quando descobrissem o documento. *Legal e vinculativo, na verdade!* Finalmente, dominada pela fadiga e pela satisfação, adormeci.

Quando acordei, o tom azulado dos azulejos de Delft em torno da lareira brilhava de luz. Estava tudo silencioso, e sentei-me na cama. A minha explosão de êxtase da noite anterior esgotara-se, deixando-me calma e lúcida. Nessa altura, eu não teria sido capaz de explicar como a árvore do carvalho vive dentro da bolota, ou como de repente compreendi que, da mesma maneira enigmática, algo vivia dentro de mim — a mulher em que me tornaria —, mas parecia saber, subitamente, quem ela era.

Ela estivera sempre comigo, enquanto eu explorava os livros do pai e construía os meus argumentos durante os nossos debates à mesa do jantar. Ainda na semana passada o pai conduzira uma discussão entre mim e o Thomas, sobre criaturas exóticas fossilizadas. O Thomas argumentava que, se esses estranhos animais estivessem verdadeiramente extintos, isso implicava um mau planeamento por parte de Deus, ameaçando o ideal da Sua perfeição, e que, portanto, tais criaturas ainda viveriam certamente em lugares remotos da Terra. Eu argumentava que até Deus devia ter o direito de mudar de ideias.

— Por que razão deve a perfeição de Deus basear-se numa natureza imutável? — perguntei. — A flexibilidade não é mais perfeita que a imobilidade?

O pai bateu com a mão na mesa.

— Se a Sarah fosse um rapaz, seria a melhor jurista da Carolina do Sul.

Nessa altura, eu ficara impressionada com as suas palavras, mas só agora, ao acordar no meu novo quarto, compreendia o seu verdadeiro significado. A compreensão do meu destino foi imediata. *Eu seria uma jurista.*

Naturalmente, sabia que não existiam advogadas. Para uma mulher, a única coisa que existia era a esfera doméstica e aquelas flores minúsculas gravadas nas páginas do meu livro de arte. Uma mulher aspirar a ser advogada — bem, possivelmente seria o fim do mundo. Mas uma bolota transformava-se num carvalho, não era verdade?

Disse a mim mesma que o problema da minha voz não me impediria, antes me daria determinação. Far-me-ia forte, pois eu precisava de ser forte.

Eu tinha o hábito de realizar pequenos rituais privados. A primeira vez que tirei um livro da biblioteca do pai, escrevi a data e o título — 25 de fevereiro de 1803, *A Senhora do Lago* — num pedaço de papel que prendia com um gancho de cabelo em tartaruga e usava às escondidas. Agora, com a aurora a acumular-se em tufos brilhantes sobre a minha cama, queria consagrar aquela que era, seguramente, a minha maior realização.

Fui buscar ao armário o vestido azul que a Charlotte me fizera para a desastrosa festa de aniversário. No colarinho, ela cosera um grande botão de prata com a gravação de uma flor de lis. Usando o abre-cartas de bico de falcão que o John ali deixara, arranquei-o. Apertando-o na mão, rezei, *Por favor, Deus, permite que esta semente que plantaste em mim dê fruto.*

Quando abri os olhos, nada mudara. O quarto ainda exibia retalhos de luz matinal, o vestido era uma trouxa de céu no chão, o botão de prata estava apertado na palma da minha mão, mas eu sentia que Deus me ouvira.

O botão de prata de lei representaria tudo o que transpirara essa noite — a repulsa por possuir a Hetty, o alívio ao assinar a sua emancipação, mas, sobretudo, a bênção de reconhecer essa semente inata dentro de mim, aquela que o meu pai sempre vira. *Uma jurista.*

Guardei o botão numa caixinha de pedra de lava italiana, que recebera num Natal, e escondi-a na parte de trás do meu toucador.

Ouvi vozes no corredor, misturadas com o bater de bandejas e jarros. O som dos escravos na sua servidão. O mundo em movimento.

Vesti-me rapidamente, perguntando-me se a Hetty já estaria à minha porta. Quando a abri, o ritmo do meu coração acelerou, mas a Hetty não estava. O documento de alforria que eu redigira jazia no chão. Rasgado ao meio.

## Handful

**A** minha vida com a menina Sarah começou com o pé esquerdo. Quando fui ao seu quarto nessa primeira manhã, encontrei a porta aberta e a menina Sarah sentada ao frio, contemplando a parede vazia. Enfiei a cabeça pela porta.

— Menina Sarah, quer que entre?

Ela tinha mãos pequenas e grossas, com dedinhos rechonchudos, que levou à boca e abriu como se fossem um leque de senhora. Os seus olhos eram claros e falavam mais francamente que a sua boca. Diziam, *Não te quero aqui*. Mas a boca dela disse:

— Sim, entra. Estou contente por te ter como minha criada.

Depois afundou-se na cadeira e voltou ao que estava a fazer antes. Nada.

Uma escrava de dez anos que se limitara a fazer trabalhos para a Aunt-Sister, nunca entrara muito na casa. E nunca fora aos andares de cima. Que quarto! A cama era grande como uma caleche, e havia um toucador com espelho, uma secretária que levava livros e mais livros, e uma série de cadeiras almofadadas. A lareira tinha um guarda-fogo com flores cor-de-rosa bordadas, que eu sabia serem resultado da agulha da mauma. Na pedra da lareira havia duas jarras brancas de porcelana pura.

Examinei tudo e depois fiquei ali, perguntando-me o que fazer.

— Está cá um frio — disse.

A menina Sarah não respondeu, por isso eu disse mais alto:

— ESTÁ CÁ UM FRIO!

Isto arrancou-a da sua observação da parede.

— Podes acender a lareira, acho eu.

Eu já vira fazer isso, mas ver não é fazer. Não sabia verificar a chaminé e arranjei uma fumarada que parecia um bando de morcegos.

A menina Sarah começou a abrir as janelas. Devia parecer que a casa estava a arder porque lá fora, no pátio, o Tomfry começou a gritar, *Fogo! Fogo!*

Então, toda a gente arregaçou as mangas.

Eu trouxe a bacia de água do quarto de vestir e despejei-a no lume, o que teve como único resultado fazer o dobro do fumo. A menina Sarah obrigava o fumo sair pelas janelas, parecendo um fantasma no meio das nuvens negras. O quarto tinha uma porta embutida que dava para a varanda, e eu corri a abri-la, querendo gritar para o Tomfry que não havia fogo, mas antes de conseguir abri-la ouvi a *missus* a correr para a casa, gritando que saíssem todos e levassem o que pudessem.

Depois de o fumo diminuir até restar apenas uma espécie de teias de aranha flutuantes, segui a menina Sarah para o pátio. O velho Snow e o Sabe já tinham selado os cavalos e atrelado as carruagens, para o caso de todo o pátio se desmoronar com a casa. O Tomfry mandara o Prince e o Eli encher baldes na cisterna. Alguns homens da vizinhança tinham comparecido com mais baldes. As pessoas tinham mais medo do fogo do que do diabo. Mantinham um escravo todo o dia no campanário de St. Michael, vigiando os telhados, e eu receava que este, ao avistar aquela fumarada, tocasse o sino da igreja e aparecesse a brigada completa.

Corri para a mauma, que estava junto dos outros. As coisas que lhes pareciam dignas de salvamento amontoavam-se aos seus pés. Tigelas de porcelana, carrinhos de chá, livros de registos, roupas, retratos, Bíblias, alfinetes de peito e pérolas. Até um busto de mármore estava pousado lá fora. A *missus* segurava a sua bengala de castão de ouro numa mão e uma charuteira de prata na outra.

A menina Sarah tentava interromper o frenesim para explicar ao Tomfry e aos outros homens que não existia nenhum fogo onde pudessem despejar os seus baldes, mas, na altura em que as palavras se arrastaram para fora da sua boca, os homens já tinham ido buscar mais água.

Quando se percebeu o que acontecera, a *missus* ficou furiosa.

— Hetty, sua estúpida incompetente!

Ninguém se mexeu, nem sequer os homens da vizinhança. A mauma aproximou-se e escondeu-me atrás dela, mas a *missus* puxou-me outra vez para a frente. Bateu-me com a bengala de castão de ouro na nuca, o pior golpe que eu já recebera. Caí de joelhos.

A mauma gritou e a menina Sarah também. Mas a *missus* ergueu o braço, como se fosse atingir-me outra vez. Não consigo descrever muito bem o que aconteceu a seguir. O pátio de trabalho, as pessoas presentes, as paredes que nos cercavam, tudo se dissipou. O chão rolou debaixo dos meus pés e o céu inchou como uma tenda invadida pelo vento. Eu encontrava-me num espaço só para mim, algures onde o tempo não passava. Uma voz gritava continuamente na minha cabeça, *Levanta-te daí. Levanta-te daí e olha-a de frente. Desafia-a a bater-te. Desafia-a.*

Pus-me de pé e encarei-a. Os meus olhos diziam, *Vá, bate-me.*

A *missus* tombou o braço e recuou.

Então, o pátio ressurgiu à minha volta e eu levantei a mão para tocar na cabeça. Tinha um galo do tamanho de um ovo de codorniz. A mauma aproximou-se e apalpou-o com a ponta do dedo.

Durante o resto daquele maldito dia todas as escravas, mulheres e meninas, tiveram de arrastar roupas, lençóis, tapetes e cortinados de todos os quartos lá de cima, para arejarem na varanda. Toda a gente, menos a mauma e a Binah, me atirou olhares de desprezo. A menina Sarah quis ajudar e pôs-se a arrastar coisas connosco. Sempre que me virava, ela estava a olhar-me como se nunca na vida me tivesse visto.

## *Sarah*

**C**omi sozinha no meu quarto durante três dias, em protesto por possuir a Hetty, mas acho que ninguém reparou. No quarto dia engoli o orgulho e fui à sala de jantar tomar o pequeno-almoço. Eu a mãe não faláramos do desafortunado documento de alforria. Supunha que fora ela quem o rasgara ao meio e depositara os dois pedaços à porta do meu quarto, dando assim a Última Palavra sem pronunciar sequer uma sílaba.

Aos onze anos, eu possuía uma escrava que não podia libertar.

A refeição, a maior do dia, começara há muito — o pai, o Thomas e o Frederick já tinham saído para a escola e o trabalho. Estavam só a mãe, a Mary, a Anna e a Eliza.

— Estás atrasada, querida — disse a mãe, não sem uma nota de simpatia.

A Phoebe, que ajudava a Aunt-Sister e parecia só um pouco mais velha do que eu, surgiu junto de mim, emanando os odores frescos da cozinha — suor, carvão, fumo e um cheiro acre de peixe. Normalmente ficava junto da mesa a agitar o mata-moscas, mas hoje pôs à minha frente um prato de salsichas, papas de milho, camarão salgado, pão integral e geleia de tapioca.

Tentando colocar uma trémula chávena de chá ao lado do meu pra-

to, a Phoebe pousou-a em cima da minha colher, entornando o chá na toalha.

— Oh, *missus*, perdão — gritou, virando-se para a mãe.

A mãe suspirou como se todos os erros de todos os negros do mundo estivessem pousados sobre os seus ombros.

— Onde está a Aunt-Sister? Posso saber porque és tu a servir?

— Ela está a ensinar-me a fazê-lo.

— Bem, vê se aprendes.

Enquanto a Phoebe se apressava a ir colocar-se do lado de fora da porta, tentei lançar-lhe um sorriso.

— É simpático da tua parte teres aparecido — disse a mãe. — Já estás recuperada?

Todos os olhares se viraram para mim. As palavras aglomeraram-se na minha garganta e aí permaneceram. Nesses momentos, eu usava uma técnica em que imaginava a minha língua como uma fisga. Recolhi-a para trás, cada vez mais apertada...

— Estou bem.

As palavras atravessaram a mesa com um borrrifo de saliva. A Mary, com grande exagero, limpou a cara ao guardanapo.

*Esta acabará exatamente como a mãe, pensei. Dirigindo uma casa apinhada de filhos e de escravos, enquanto eu...*

— Suponho que encontraste os restos do teu disparate? — perguntou a mãe.

Ah, fora mesmo ela. Confiscara o meu documento, provavelmente sem o pai saber.

— Que disparate? — perguntou a Mary.

Lancei um olhar de súplica à mãe.

— Nada com que devas preocupar-te, Mary — respondeu esta, e baixou a cabeça como se quisesse resolver o conflito entre nós.

Eu afundei-me na cadeira a pensar se devia apresentar o meu caso ao pai e mostrar-lhe o documento de emancipação rasgado. Durante o resto do dia, em pouco mais consegui pensar, mas, à noite, concluíra que não me serviria de nada. Ele delegava na mãe todos os assuntos domésticos e detestava queixinhas. Os meus irmãos nunca as faziam, e eu não seria menos que eles. Além disso, seria uma idiota se irritasse a mãe ainda mais.

Contrariei o meu desapontamento, conduzindo vigorosas conver-



sações comigo mesma acerca do futuro. *Tudo é possível, absolutamente tudo.*

À noite, abri a caixa de pedra de lava e contemplei o botão de prata.

## Handful

**A** *missus* disse que eu era a pior criada de Charleston.  
— Tu és *abismal*, Hetty, *abismal*.  
Perguntei à menina Sarah o que queria dizer *abismal*, e ela disse:  
— Algo que fica abaixo da média.

Pois, pois. Pela cara da *missus*, eu percebia que existia mau, pior e *abismal*.

Nessa primeira semana, além do fumo, entornei óleo da candeia no chão, deixando uma mancha pegajosa, parti uma daquelas jarras de porcelana e fritei uma madeixa do cabelo ruivo da menina Sarah com um ferro de enrolar. A menina Sarah nunca se queixou. Empurrou o tapete de maneira a tapar a mancha de óleo, escondeu a jarra partida numa arrecadação da adega e cortou o seu cabelo chamuscado com a tesoura que usávamos para aparar o pavio das velas.

Só tocava a sineta para mim quando a *missus* se aproximava. A Binah e as suas duas filhas, a Lucy e a Phoebe, costumavam cantar «A bengala bate. A bengala bate.» O aviso da sineta da menina Sarah dava-me um pouco de liberdade, que eu aproveitava. Descia o corredor até à alcova do quarto da frente, de onde podia ver a água do porto flutuar para o oceano, e o oceano desenrolar-se até se juntar ao céu. Não havia nada que se comparasse.

A primeira vez que o vi, saltei sem sair do sítio, ergui a mão acima da

cabeça e dancei. Foi quando adquiri verdadeira religião. Nessa altura não sabia chamar-lhe religião, não distinguia amém de além, apenas sabia que algo penetrara em mim e me fizera sentir que a água me pertencia. E eu dizia, aquela água é minha.

Via-a tornar-se de todas as cores. Um dia era verde e depois castanha, no dia seguinte era amarela como cidra. Púrpura, preta, azul. Sempre inquieta, nunca cessava. Em cima, barcos que iam e vinham; por baixo, os peixes.

Eu cantava-lhe estes versos:

*Através da água, através do mar  
Deixem os peixes me levar  
Se essa água demorar,  
Venham pra me levar, venham pra me levar*

Depois de um mês ou dois, eu já sabia fazer mais coisas na casa, mas nem a menina Sarah desconfiava que, por vezes, abandonava o meu posto junto da sua porta e passava toda a noite a observar a água, a maneira como esta ficava prateada de luar. As estrelas brilhando, grandes como bandejas. Via perfeitamente a ilha Sullivan. Quando estava no escuro, ansiava pela mãe. Sentia falta da nossa cama. Tinha saudades da armação das colchas a proteger-nos. Imaginava a mãe a costurar colchas sozinha. Pensava no saco de serapilheira cheio de penas, na bolsa vermelha com os nossos alfinetes e agulhas, no meu dedal de latão puro. Nessas noites, eu corria para o quarto do estábulo.

Quando a mãe acordava e me encontrava na cama com ela, tinha um ataque, falando de todos os problemas que teríamos se fosse apanhada, como a *missus* já me tomara de ponta mais que o suficiente.

— Não virá nada de bom se tu fugires assim — dizia ela. — Tens de ficar quieta na tua colcha. Fazes isso por mim, ouviste?

E eu fazia-o por ela. Pelo menos, durante alguns dias. Ficava deitada no chão do corredor, tentando manter-me quente sob a corrente de ar, virando-me em busca da tábua mais macia. Aguentava essa miséria e encontrava o meu consolo na água.

## *Sarah*

**N**uma enublada manhã de março, quatro meses depois da calamidade do meu décimo primeiro aniversário, acordei e dei por falta da Hetty, a sua enxerga no chão à minha porta amarrotada pelo perfil do seu corpo pequeno. Nessa altura, devia estar a encher a minha bacia de água e a contar-me uma história qualquer. Surpreendeu-me sentir a sua ausência pessoalmente. Sentia a falta dela como sentiria a de um bom companheiro. Mas também estava preocupada com ela. A mãe já lhe dera com a bengala uma vez.

Não encontrando qualquer vestígio dela na casa, fiquei no degrau de cima da escadaria das traseiras, observando o pátio de trabalho. Um nevoeiro fino surgira do porto e, lá em cima, o Sol brilhava através dele com o dourado baço de um relógio de bolso. O Snow estava à porta da cocheira, reparando uma correia. A Aunt-Sister estava sentada num banco junto da horta, a amanhar peixe. Não querendo levantar as suas suspeitas, dirigi-me lentamente ao alpendre da cozinha, onde o Tomfry distribuía produtos: sabão para o Eli lavar os degraus de mármore, duas toalhas de Osnaburg para a Phoebe limpar os cristais, uma concha de carvão para o Sabe voltar a encher os baldes.

Enquanto esperava que eles terminassem, os meus olhos deslizaram para o carvalho, no canto do lado esquerdo. Os seus ramos estavam adornados com rebentos ainda fechados e, embora a árvore tivesse

poucas semelhanças com a sua aparência estival, a memória daquele dia longínquo voltou: sentada no chão, com as pernas afastadas, a calma quente, a sombra verde, escrevendo as minhas palavras com os berlindes, *Sarah Vai...*

Olhei para o canto oposto do pátio e foi então que vi a mãe da Hetty, Charlotte, caminhando ao lado da pilha de lenha, curvando-se de vez em quando para apanhar qualquer coisa do chão.

Chegando sem ser vista por trás dela, reparei que o que apanhava eram pequenas penas macias.

— Charlotte...

Ela deu um salto e a pena entre os seus dedos voou no vento marítimo. Flutuou até ao topo do grande muro de tijolos que cercava o pátio e ficou presa à trepadeira.

— Menina Sarah! — exclamou ela. — Pregou-me cá um susto.

A sua gargalhada era sonora e nervosa. O olhar dela fugiu para o estábulo.

— Não queria assustar-te... Só queria perguntar se sabes onde...

Ela interrompeu-me, apontando a pilha de lenha.

— Olhe ali!

Espreitando por uma fenda entre dois toros de madeira, fiquei face a face com uma criatura castanha, de orelhas pontiagudas, coberta de penugem. Apenas um pouco maior que um pintainho, era uma coruja não sei de que tipo. Recuei quando os seus olhos amarelos piscaram e se fixaram em mim.

A Charlotte voltou a rir, desta vez com mais naturalidade.

— Não morde.

— ... É um bebé.

— Dei com ela há algumas noites. Coitadinha, estava no chão, a chorar.

— Estava... ferida?

— Não, só foi deixada para trás. A mãe é uma coruja-das-torres. Invadiu o ninho de um corvo no alpendre, mas foi-se embora. Receio que alguma coisa a tenha apanhado. Tenho dado restos ao bebé.

As minhas únicas ligações com a Charlotte tinham a ver com roupas, mas sempre me apercebera da sua perspicácia. De todos os escravos que o pai possuía, ela parecia-me a mais inteligente e talvez a mais perigosa, o que viria a revelar-se verdade.

— ... Serei boa para a Hetty — disse eu abruptamente. As palavras — cheias de remorsos e pretensiosas — saíram-me como se alguma pústula de culpa tivesse rebentado.

Ela abriu muito os olhos e depois estreitou-os. Eram da cor do mel, tal como os da Hetty.

— ... Eu nunca quis que ela fosse minha propriedade... tentei libertá-la, mas... não me deixaram. — Parecia que não era capaz de me calar.

A Charlotte deslizou a mão até ao bolso do avental e o silêncio cresceu insuportavelmente. Ela percebera a minha culpa e aproveitou-se dela com astúcia.

— Está bem — disse. — Porque eu sei que a vai compensar um dia.

A letra C agrarrrou-se-me à língua como se tivesse dentes.

— ... ... C-c-ompensar?

— Quero dizer que a menina vai ajudá-la a libertar-se, de todas as maneiras possíveis.

— Sim, tentarei — respondi.

— O que preciso é que a menina jure.

Assenti com a cabeça, mal compreendendo que fora habilmente conduzida a um acordo.

— A menina vai manter a sua palavra — disse ela. — Eu sei que sim.

Lembrei-me então da razão porque me aproximara dela.

— Não consegui encontrar...

— A Handful estará à porta da menina não tarda nada.

De volta a casa, senti o laço corrediço dessa conversa deslizar e formar um nó.

A Hetty apareceu no meu quarto dez minutos depois, os olhos dominando o seu rosto pequeno, tão ferozes como os da corujinha. Sentada à minha secretária, eu acabara de abrir um livro que tirara da biblioteca do pai, *As Aventuras de Telémaco*. Telémaco, filho de Penélope e Ulisses, partia para Troia, a fim de encontrar o pai. Sem lhe perguntar onde estivera, comecei a ler em voz alta. A Hetty deixou-se cair nos degraus da cama que levavam ao colchão, repousou o queixo nas mãos em concha e ouviu toda a manhã como Telémaco enfrentou as hostilidades do mundo antigo.

Astuta Charlotte! Durante todo o mês de março pensei obsessivamente na promessa que ela me arrancara. Por que não lhe dissera logo que a liberdade da Hetty era impossível? Que o máximo que poderia alguma vez oferecer-lhe era simpatia?

Quando chegou o momento de fazer o meu vestido de Páscoa, estremeci só de pensar em voltar a vê-la, petrificada pela ideia de que ela retomaria a conversa que tivéramos junto da pilha de lenha. Preferia picar-me com uma agulha a suportar de novo o seu escrutínio.

— Nesta Páscoa não preciso de um vestido novo — anunciei à mãe.

Uma semana depois, estava na sala de provas dentro de um vestido de cetim meio cosido. Ao entrar no meu quarto, a Charlotte apressou a Hetty a ir cumprir qualquer missão forjada antes de eu ter tempo de pensar numa maneira de a contradizer. O vestido era num tom de canela claro, notavelmente parecido com o tom de pele da Charlotte, uma semelhança que notei quando ela estava diante de mim com três alfinetes presos nos lábios. Quando ela falou, senti o aroma a grãos de café e percebi que estivera a mascá-los. As suas palavras escorreram em torno dos alfinetes, em sons enrolados.

— Vai cumprir o que me prometeu?

Para minha desgraça, usei o meu defeito em proveito próprio, debatendo-me mais que o necessário para lhe responder, fingindo que as minhas palavras caíam para o canal negro da minha garganta e desapareciam.

## Handful

**N**o primeiro sábado de bom tempo, quando parecia que finalmente a primavera viera para ficar, a *missus* levou a menina Sarah, a menina Mary e a menina Anna a sair na carruagem com as lanternas. A Aunt-Sister disse que elas iam fazer um passeio em White Point e que todas as meninas e senhoras estariam fora com as suas sombrinhas.

Quando a carruagem conduzida pelo Snow atravessou o portão das traseiras, a menina Sarah acenou e o Sabe, que estava todo janota com um fraque verde e colete de libré, ia pendurado na parte de trás a sorrir.

A Aunt-Sister disse: — P’ra onde estão todas a olhar? Ponham-se a limpar, uma boa esfregadela nos quartos delas. É aproveitar enquanto não estão cá.

Lá em cima, no quarto da menina Sarah, fiz a cama e esfreguei a sujidade do espelho, que não saía com espécie alguma de sabão. Livrei-me das traças mortas, gordas de comerem os cortinados, despejei o bacio e deitei-lhe um pouco de soda cáustica. Esfreguei o chão com sabão de cal do garrafão.

Cansada de tanto trabalho, fiz aquilo a que chamamos mandriar. Andei de um lado para o outro sem fazer nada de jeito. Primeiro, espreitei para ver se havia algum escravo no corredor — alguns deles eram capazes de nos denunciar sem qualquer hesitação. Fechei a porta e abri



os livros da menina Sarah. Sentei-me à secretária dela e virei uma página após a outra, olhando fixamente o que pareciam pedacinhos de renda preta atravessando o papel. As marcas possuíam uma beleza própria, mas não percebi que mais poderiam fazer além de confundir terrivelmente uma pessoa.

Abri a gaveta da secretária e mexi em tudo. Encontrei um bordado a ponto cruz inacabado, com pontos desastrados, parecendo feitos por uma garota de três anos. Havia algumas boas linhas de cores vivas, enroladas em carretos de madeira. Lacre. Papel pardo. Pequenos desenhos com nódoas de tinta. Uma grande chave de metal com uma borla.

Passei ao roupeiro, tocando os vestidos que a mãe fizera. Espreitei a gaveta do toucador, tirando para fora joias, fitas de cabelo, leques de papel, frascos e escovas e, finalmente, uma caixinha. Tinha um brilho escuro, como o da minha pele quando estava molhada. Abri o fecho. Lá dentro, encontrava-se um grande botão de prata. Toquei-lhe e depois fechei a tampa da mesma maneira vagarosa que fechara o roupeiro, as gavetas e os livros — com o peito cheio. Havia tantas coisas no mundo para ter e não ter.

Voltei para trás e abri mais uma vez a gaveta, para olhar as linhas. O que fiz a seguir foi errado, mas não me ralei muito. Tirei o rolo grosso de linha escarlata e meti-o no bolso do vestido.

\*

No sábado antes da Páscoa fomos todos mandados para a sala de jantar. O Tomfry disse que tinham desaparecido coisas da casa. Entrei lá a pensar, *Meu Deus, ajuda-me*.

Nada podia ser pior para nós que o desaparecimento de algumas ninharias. Uma chávina de lata amolgada da despensa ou uma migalha de torrada da travessa da *missus*, e estava o caldo entornado. Mas desta vez não era uma ninharia, e não era linha escarlata. Era a peça de seda verde, novinha em folha, da *missus*.

Ali estávamos nós, catorze escravos alinhados, enquanto a *missus* perorava acerca do assunto. Disse que a seda era especial, que viajara do outro lado do mundo, que aquelas lagartas da China tinham tecido os fios. Nunca na minha vida ouvira tanto disparate.

Todos nós suávamos e nos remexíamos, enfiando as mãos nos bol-

dos dos calções ou debaixo dos aventais. Sentia o odor dos nossos corpos, que não era mais que medo.

A mauma sabia tudo o que se passava fora dos muros, pois a *missus* dava-lhe passes para ir sozinha ao mercado. Tentava ocultar-me as partes piores, mas eu sabia da existência da casa de tortura na Magazine Street. Os brancos chamavam-lhe Casa de *Trabalho*. Como se os escravos estivessem lá a coser roupas, a fabricar tijolos ou a ferrar cavalos. Soube do que se passava antes de fazer oito anos, o buraco escuro onde nos punham e nos deixavam sozinhos durante semanas. Sabia dos chicoteamentos. Vinte vergastadas era o limite que podíamos apanhar. Um homem branco podia comprar uma dose de açoitos por meio dólar e usava-os sempre que precisava, para pôr juízo na cabeça de um escravo.

Tanto quanto eu sabia, nenhum escravo Grimké fora para a Casa de Trabalho mas nessa manhã, na sala de jantar, todos nós pensávamos se seria esse o dia.

— Um de vós é culpado de roubo. Se devolverem a peça de tecido, que é o que Deus quer que façam, serei condescendente.

*Pois, pois.*

A *missus* achava que nós não possuíamos um grão de bom senso.

Que diabo poderia qualquer de nós fazer com uma peça de seda esmeralda?

\*

Na noite a seguir ao desaparecimento do tecido, escapuli-me de casa. Tinha de passar pela Cindie, que estava à porta da *missus* — ela não era amiga da *mauma* e eu tinha de ser muito cuidadosa na sua presença, mas ouvi-a ressonar. Enfiei-me na cama ao lado da mauma, só que ela não estava na cama e sim de pé, num canto, com os braços cruzados no peito.

— Que pensas que estás a fazer? — disse.

Eu nunca ouvira aquele tom na voz dela.

— Levanta-te, vamos voltar para a casa agora mesmo. Esta é a última vez que foges, a última. Isto não é nenhuma brincadeira, Handful. Isto será pago muito caro.

Não esperou que eu me mexesse e puxou-me como se eu fosse uma peça solta de algodão. Agarrou-me por baixo de um braço, obrigou-me a descer as escadas até à cocheira e a atravessar o pátio de trabalho. Os

meus pés mal tocavam no chão. Arrastou-me para dentro da copa, a porta que ninguém fechava. Tinha o dedo nos meus lábios, avisando-me que ficasse calada, depois empurrou-me na direção da escadaria e apon- tou para cima com a cabeça. *Vai, já!*

Aquelas escadas rangiam. Não dera dez passos quando ouvi uma porta abrir lá em baixo e a mauma sustar a respiração.

A voz do patrão veio do escuro.

— Quem é? Quem está aí?

Uma luz refletiu-se nas paredes. A mauma não se mexeu.

— Charlotte? — perguntou ele muito calmo. — Que fazes aqui?

Por trás das costas, a mauma fez um gesto com a mão e percebi que queria que me agachasse nos degraus.

— Nada, *massa* Grimké. Nada, senhor.

— Deve haver alguma razão para estares dentro de casa a esta hora. É melhor que te expliques agora, para evitar sarilhos. — Falou de uma maneira quase simpática.

A mãe não pronunciou palavra. O patrão Grimké tinha sempre esse efeito sobre ela. *Diz qualquer coisa*. Se fosse a *missus*, a mãe já teria dito três ou quatro coisas. Diz que a Handful está doente e que vais cuidar dela. Diz que a Aunt-Sister te mandou vir buscar um remédio para o Snow. Diz que não consegues dormir por estares preocupada com as roupas de Páscoa deles, se estarão bem para serem vestidas de manhã. Diz que és sonâmbula. Diz *seja o que for*.

A mauma esperou demasiado tempo, porque eis que a *missus* saiu do quarto. Espreitando por cima do degrau, vi que a sua touca de dormir estava torta.

Existem na minha vida nós que não posso desatar, e este é um dos piores — a noite em que eu fiz asneira e a mãe foi apanhada.

Eu podia ter-me mostrado. Podia ter dito a verdade, ter dito que fora eu, mas o que fiz foi enrolar-me em silêncio nos degraus.

— És tu a ladra, Charlotte? — perguntou a *missus*. — Vieste à procura de mais? É assim que o fazes, introduzindo-te aqui durante a noite?

A *missus* acordou a Cindie e mandou-a ir buscar a Aunt-Sister e acender dois candeeiros, pois iam fazer uma busca no quarto da mãe.

— *Sinssinhora, sinssinhora* — concordou esta. Estava nas suas sete quintas.

O patrão Grimké resmungou como se tivesse pisado cocó de cão,

toda aquela história desagradável de mulheres e escravas. Pegou na sua luz e voltou para a cama.

Segui a mauma e as outras a certa distância, dizendo palavras que uma criança de dez anos não devia saber, mas eu aprendera palavões suficientes no estábulo, ouvindo o Sabe falar com os cavalos. *Malditos sejam, malditos sejam, dia e noite. Malditos sejam, malditos sejam, todos os brancos.* Preparava-me para contar à *missus* o que acontecera. *Saí do meu lugar à porta do quarto da menina Sarah e fugi para o meu antigo quarto. A mauma veio trazer-me de volta à casa.*

Quando espreitei pela porta do nosso quarto, vi os cobertores arrancados da cama, a bacia das lavagens virada e o nosso saco de serapilheira despejado, recheios de colcha por todo o lado. A Aunt-Sister puxava a roldana para baixar a armação das colchas. Por cima desta, estava uma colcha com as pontas a esfriar, fiozinhos brilhantes suspensos. Ninguém me viu junto da porta, a não ser a mãe, cujos olhos davam sempre comigo. Cerrou as pálpebras e não voltou a abri-las.

As rodas da roldana chiaram e a armação desceu ao som daquela música. Ali, no cimo da colcha inacabada, estava uma peça de seda verde-vivo.

\*

Olhei para o tecido e pensei como era lindo. A luz do candeeiro incindia em cada ruga. Eu, a Aunt-Sister e a *missus* olhámo-lo como se sonhássemos.

A *missus* deu-nos um sermão sobre como lhe era difícil impor disciplina a uma escrava em quem confiara mas, que escolha lhe restava?

Disse à mauma:

— Adiarei o teu castigo até segunda-feira — amanhã é Páscoa e não quero que o dia fique estragado. Não te mandarei ser castigada *fora*, e devias ficar grata por isso, mas garanto-te que o teu castigo corresponderá ao crime.

Ela não dissera *Casa de Trabalho*, dissera «fora». Mas nós sabíamos o que isso significava. Pelo menos, a mãe não iria para lá.

Quando a *missus* finalmente se virou para mim, não me perguntou o que fazia ali nem me mandou para a porta da menina Sarah.

— Podes ficar com a tua mãe até ao seu castigo na segunda-feira.

Quero que ela tenha algum consolo entretanto. Não sou uma mulher sem sentimentos.

Até alta noite, balbuciei a minha mágoa e culpa junto da mãe. Ela esfregou-me os ombros e disse que não estava zangada. Disse que eu não devia ter fugido da casa, mas não estava zangada.

Quase adormecera quando ela falou:

— Ia coser aquela seda verde dentro de uma colcha e ela nunca a encontraria. Não tenho pena de a ter roubado, só de ter sido apanhada.

— Porque é que a roubaste?

— Porque... — começou ela. — Porque podia.

Aquelas palavras ficaram-me gravadas. A mãe não queria aquele tecido, só queria arranjar problemas. Ela não podia libertar-se e não podia bater na nuca da *missus* com uma bengala, mas podia roubar-lhe a seda. Cada um faz a sua rebelião como pode.